

OS PROCESSOS HISTÓRICOS DA FEMINIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE: UMA ANÁLISE NO INTERIOR DO ESTADO DE GOIÁS

Lavine Jordane Queiroz de Azevedo¹

Simone Gomes Firmino²

RESUMO: Para entender a história da educação é necessário compreender o processo histórico de desenvolvimento da educação. Dentro destes processos históricos, temos que foi a partir do século XIX, que ocorreu a inserção da mulher na educação, isso levou a ocorrência de uma acentuada maioria de docentes mulheres, fato observado até nos dias atuais na Educação Básica. Acarretando assim, a um fenômeno que aqui chamamos de “Feminização da Educação”, sendo este o alvo de nosso estudo. Este artigo, fundamenta-se em uma análise crítica acerca das modificações que se deram na carreira docente, tendo o objetivo de analisar como aconteceu a inserção e a presença histórica das mulheres na Educação brasileira. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa nas cidades de Carmo do Rio Verde, Ceres e Rialma (estado de Goiás), com professoras que lecionam na Rede Estadual nas fases finais do Ensino Fundamental (6º a 9º ano) e no Ensino Médio. Empregamos os recursos de questionários e entrevistas com o formato semiestruturado para o levantamento de dados. Sendo assim, houve uma análise bibliográfica em conjunto com uma análise de conteúdo desenvolvida por Bardin, para avaliar os impactos da temática e para a discussão dos dados coletados. Ao todo, vinte professoras participaram da pesquisa, sendo: dezesseis professoras respondendo aos questionários e outras quatro através das entrevistas. Com a análise dos dados obtidos pela pesquisa, foi possível identificar que os laços que ligam as características femininas e as mudanças que ocorreram na sociedade com as mulheres buscando um ofício, influenciaram a inserção da mulher na carreira docente. Estes aspectos, aliados a saída dos homens da docência para outras profissões, que se mostravam mais vantajosas financeiramente, tiveram relação direta com o processo de feminização da docência. Por fim, a feminização da docência foi um processo importante para o protagonismo feminino a frente de uma profissão e que suas características distas como naturais são relevantes para a profissão.

Palavras-chave: Feminização. Docência. Processo histórico. Análise de conteúdo.

THE HISTORICAL PROCESSES OF FEMINIZATION OF TEACHER PROFESSION: AN ANALYSIS INSIDE THE STATE OF GOIÁS

ABSTRAT: To understand the history of education it is necessary to understand the historical process of education development. Within these historical processes, it is from the nineteenth century, that the insertion of women in education occurred, this led to the occurrence of a large majority of female teachers, a fact observed even today in Basic Education. Thus resulting in a phenomenon that we call here the “feminization of education”, which is the target of our study. This article is based on a critical analysis about the changes that occurred in the teaching career, aiming to analyze how the insertion and the historical presence of women in Brazilian Education happened. For this, we conducted a qualitative research in the cities of Carmo do Rio

1 Licenciada em Ciências Biológicas e estudante de Pós-Graduação *Lato sensu* em Ensino de Ciências da Natureza e Educação Matemática do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação *Lato sensu* em Ensino de Ciências da Natureza e Educação Matemática do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres.

Verde, Ceres and Rialma (state of Goiás), with teachers who teach at the State Network in the final stages of elementary school (6th to 9th grade) and high school. We used the resources of questionnaires and interviews with the semi-structured format for data collection. Thus, there was a bibliographic analysis together with a content analysis developed by Bardin, to evaluate the impacts of the theme and to discuss the collected data. In all, twenty teachers participated in the research, being: sixteen teachers answering the questionnaires and another four through the interviews. With the analysis of the data obtained by the research, it was possible to identify that the ties that link the feminine characteristics and the changes that occurred in the society with the women seeking a craft, influenced the insertion of the woman in the teaching career. These aspects, coupled with the departure of men from teaching to other professions, which were more financially advantageous, were directly related to the feminization process of teaching. Finally, the feminization of teaching was an important process for female protagonism in front of a profession and that its distinct as natural characteristics are relevant to the profession.

KEYWORDS: Feminization. Teaching. Historical process. Content analysis.

INTRODUÇÃO

Quando falamos em História da Educação nos remetemos a vários processos históricos, no entanto, é preciso compreender como se deu o próprio processo de desenvolvimento da educação, ou seja, como esta era exercida? E para quem era exercida? Para contextualizarmos tais processos históricos da educação, devemos iniciar pela História da Pedagogia. Assim, conseguimos compreender que a história da pedagogia em seu sentido próprio, nasce entre os séculos XVIII e XIX, e que é no decorrer deste último que se configurou como pesquisa elaborada por pessoas ligadas à escola. Historicamente, a pedagogia surge como uma história ideologicamente orientada, que valorizava a continuidade dos princípios e dos ideais, convergindo sobre a contemporaneidade e construindo o próprio passado de modo orgânico e linear, destacando os ideais e a teoria, representada sobretudo pela filosofia (CAMBI, 1999).

Para Cambi (1999), tratava-se de uma história convicta e teoricista, sempre muito distante dos processos educativos reais. Não levando em consideração as diversas sociedades, além de ser diferenciada por classes sociais, sexo e idade; distante também das instituições em que se desenvolviam (a família, a escola, a oficina artesanal e, em seguida, a fábrica, mas também o seminário ou o exército etc.) e; distante das práticas de educação ou de instrução, das contribuições das ciências, sobretudo humanas, para o conhecimento dos processos formativos (em primeiro lugar, psicologia e sociologia). Tal história devia difundir entre os docentes – que não eram seus destinatários – uma ideia de educação desenvolvida em torno dos próprios princípios ideais (mais que das práticas) e, através destes, das ideologias que os inspiravam.

A escola tem papel fundamental na construção do cidadão e se fundamenta em transmitir, de maneira organizada, coerente e lógica, os conhecimentos produzidos e acumulados pela humanidade (OLIVEIRA et al, 2013). Mas apesar desta importância para a produção do conhecimento científico, filosófico, cultural e político, a educação foi durante muito tempo um privilégio tanto para o seu estudo e quanto para o ensino, estritamente somente para homens brancos e de classe mais abastada, tanto (LOURO, 1997). Isso levou a um cenário que durante muito tempo, as mulheres viveram à sombra dos homens e sob as imposições das escolhas masculinas sem a consideração de seus desejos próprios.

No que se refere à história da profissão docente, podemos perceber que o magistério se tornou uma ocupação majoritariamente feminina no fim do século XIX, esta transformação reflete até hoje na conjuntura do quadro docente das Instituições de ensino (XAVIER, 2014). As trabalhadoras que já estavam presentes no espaço público por meio do trabalho, majoritariamente doméstico, continuaram por muitas décadas sem acesso à escola. Entretanto, aquelas que possuíam condição, brancas e da classe média, pouco a pouco iam conquistando seu espaço, frente ao cenário profissional relacionado à educação (LIMA, 2015).

O objetivo principal deste trabalho, consiste em uma investigação sobre as relações com os processos sociais, políticos e educacionais que acarretaram nas mudanças da de profissionalização docente no contexto histórico-educacional brasileiro. Sendo assim, tem o anseio de demonstrar e interpretar a realidade escolar brasileira a partir de um recorte com as realidades históricas e atuais de três cidades localizadas no interior do estado de Goiás, em estabelecimentos de públicos de ensino, sendo assim, refletindo sobre uma temática que para muitos ainda se faz desconhecida.

Dada a importância da presença da mulher no contexto da História da Educação e destacando os motivos e acontecimentos históricos que levaram ao atual cenário da educação brasileira, qual seria a natureza desta predominância de profissionais mulheres? Esta presença acentuada da mulher na educação ao longo do tempo foi sendo naturalmente assumida, como um trabalho tipicamente feminino, isso é, por ser associado as suas habilidades afetivas e maternais. Outro fato que será explorado neste artigo condiz com o processo histórico o qual seria justificado pela evasão da presença masculina da profissão docente pelos baixos salários e pela desvalorização da profissão, fatos provenientes justamente pelo processo de feminização da educação.

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A INSERÇÃO DA MULHER NA EDUCAÇÃO

Até meados do século XIX o Brasil era predominantemente agrícola, existia uma divisão social baseada em classes, a sociedade estava subdividida entre proprietários e não proprietários de terras, senhores e escravos, com uma visível ausência das mulheres no espaço público (MELNIKOFF e MELNIKOFF, 2014). Em meados de 1827, os legisladores determinaram que se estabelecessem “escolas de primeiras letras” em todas as cidades e vilas mais populosas do Império, porém a realidade ainda estava muito distante dessa imposição legal (LOURO, 2007).

A mulher nesta época era responsável restritamente aos cuidados com a casa, marido e os filhos, eram tratadas como incapazes intelectualmente, membros dos chamados grupos de doentes mentais e crianças. Não tinha nenhuma formação escolar ou as que tiveram pouca sabiam apenas ler e escrever, desde muito nova era adestrada a ser mãe e esposa, sua instrução alcançava estritamente as tarefas domésticas, aprender a bordar, cozinhar e costurar (ALMEIDA, 1996).

Segundo Safiotti (2013), era proibido que a mulher estivesse em qualquer espaço público limitando-se ao espaço privado, casa/quintal, revelava um paternalismo que teve como impactos, dentre outros. Sendo assim esta restrição que a mulher sofria leva a uma condição de mera reprodutora, tornando-se apenas um objeto de domínio masculino e as afastava também da educação formal, não sendo permitido o acesso à escola. Para Louro (2012):

Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educação das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que a sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, na linguagem republicana, na função social de formadora dos futuros cidadãos (p. 447).

Segundo a historiadora Mary Del Priore (2007), até meados do século XIX, o propósito da educação feminina se dava somente através de um aprendizado dos afazeres domésticos, principalmente para aquelas mulheres de classes inferiores da sociedade, onde não havia por meio das elites educacionais uma preocupação com a instrução profissionalizante da mulher.

Foi a partir da abertura de instituições para educação das meninas que se iniciou espaços de profissionalização da mulher, neste espaço a mulher começou a ter oportunidade de atuar fora dos portões de casa, possibilitando assim a articulação do poder. As mulheres tomaram seu espaço no campo educacional como professoras, mas eram isentas de ensinar geometria, essa disciplina era critério para estabelecer níveis de salários o que acentuava também a discriminação sexual (FREITAS, 2000).

FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA NO SÉCULO XX ATÉ A ATUALIDADE

Segundo Telles e Silva (2013), foi somente no século XX que as mulheres ganham visibilidade por meio de livros e manifestos de sua própria autoria, tendo a mídia cada vez mais atuante, movimentos sociais, revistas direcionadas, recenseamentos. Isso proporcionou as condições para que mulher pudesse iniciar o processo, aonde pode ter espaço para a sua inserção no mercado de trabalho.

Para as mulheres cabe o desempenho de funções onde a força física não seja exigida, onde o poder da sedução possa ser usado, e onde os seus cuidados possam ser aplicados. O acesso que as mulheres começaram a possuir à educação, principalmente o ensino superior, trouxe uma nova realidade, mas, mesmo assim, a mulher só poderia assumir trabalhos com profissões ligadas a saúde e à educação (WOLFF, 2010). Conforme Almeida (1996), que também argumenta que o trabalho feminino deixou de ser ditado apenas pelos atributos de vocação e missão, tornando-se, no cenário econômico do século XX, uma exigência ante os tempos que corriam, não somente pela profissão em si, como em relação ao ingresso financeiro (p. 83).

Através de seus estudos Almeida (1998), apontou que as transformações que ocorreram a fim de modificar as relações com a docência, estiveram ligadas às alterações nas relações patriarcais, que reestruturaram a sociedade do século XX. Portanto, o magistério foi para elas a forma de sustentarem a si e suas famílias por meio de uma profissão mais notória que as demais possíveis.

Para Rabelo (2004), o processo de feminização também um possui cunho político: houve uma diferenciação entre a remuneração de professoras e professores, sendo que para que o ensino tivesse abrangência maior era necessário que houvesse uma modernização deste sistema e assim seria melhor investir em professoras que possuam salários menores. Conforme Catani (1997) apud Rabelo (2004) mostra como esse pensamento justificava-se:

Para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor custasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia – procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não por coincidência este discurso foi dirigido às mulheres (p. 28-29).

Conforme Almeida (1998), um dos fatos que não permitiram que as mulheres ingressem nas demais profissões, que são representadas pelo segmento masculino, e a aceitação do magistério, que é ligado aos atributos de missão, vocação e continuidade daquilo que era realizado no lar, fizeram que a profissão rapidamente se feminizasse.

O trabalho docente, naquela época era uma das profissões mais acessível para as mulheres, principalmente aquelas vindas de famílias da classe alta, pois, até meados da década de 30, era o único trabalho que ligava as suas atribuições domésticas com uma atividade remunerada sendo digna para elas. Aquilo que as mulheres aprendiam deveriam servir para suas famílias, elas deveriam estar atreladas às atividades do lar, conforme assinala Almeida (1996), dizendo que a mulher deveria ser instruída:

[...] as mulheres deveriam ser educadas de forma que o lar e o bem-estar do marido e dos filhos fossem beneficiados por essa Zinstrução. [...]. Assim as mulheres poderiam e deveriam ser educadas e instruídas, era importante que exercessem uma profissão — o magistério — e colaborassem na formação de diretrizes básicas da escolarização manter-se-iam sob a liderança masculina (p. 73).

Apesar de terem seus espaços nas escolas, as mulheres não tinham o poder de condução das mesmas, elas tinham apenas a função de lecionar. A estrutura administrativa, os cargos de maior autoridade que eram a minoria das vagas eram liderados por homens, sendo assim, havia um controle sobre a ação da mulher na escola, como uma submissão delas aos homens. Estes que se dedicavam à educação, no decorrer do século XX, apresentavam facilidades de promoção na carreira do magistério e no sistema educacional em geral (RABELO, 2004).

Era muito mais difícil que as mulheres conseguissem ascensão profissional, que conseguissem chegar aos mais altos postos das instituições de ensino que trabalhavam, muitas continuavam na carreira de professora de ensino primária por longo tempo. A ausência feminina nos espaços de decisão também se explica pelo processo de socialização que, ao determinar a elas a exclusividade do trabalho reprodutivo e seus desdobramentos, evidenciam as condições de sua marginalização do espaço público, delegando ao homem a liderança do trabalho produtivo e as decisões da sociedade (CABRAL e DIAZ, 1998).

Neste contexto, há uma naturalização do poder da masculinidade que aconteceu à medida que se eterniza as diferenciações entre homens e mulheres, essa visão vai sendo revalidada como uma ordem estabelecida e dessa forma fundada socialmente quase sem questionamentos, de modo bastante natural ao longo do tempo (RABELO, 2007).

Em 1930, foi estabelecido uma política de ambiguidades em relação aos professorados ao mesmo tempo que dignificava a imagem profissional havia a contenção do salário (FARIA, 2016). Nesta época as mulheres eram maioria no magistério e sua imagem de reprodutora da moral da família e a da pátria, tendo tão nobre função social.

Segundo Almeida (2014), na década de 1970, no âmbito do magistério, um dos fatores que contribuiu para o processo de desvalorização profissional foi o ingresso nas escolas da população de baixa renda. Nos cursos de formação de professores ingressaram principalmente

moças à procura de uma alternativa a profissões ainda menos valorizadas, o que se concretizou com a abertura de cursos noturnos para os que já estavam no mercado de trabalho. À medida que cresce a presença feminina, diminuem as remunerações, a ocupação passa a ser considerada pouco qualificada e decai o prestígio social da profissão (CHAMON, 2005).

Em 2001, em 96% dos domicílios brasileiros, a principal responsável pelas tarefas domésticas era uma mulher. Isso evidencia o fato que apesar das terem conquistados seus postos de trabalhos, principalmente na carreira docente, realizam jornadas mais extensas de trabalho não pago e na organização familiar. No Brasil, as mulheres realizam uma jornada de trabalho doméstico três vezes maior do que os homens, mesmo quando eles estão em situação de desemprego (DEDECCA, 2004).

METODOLOGICAMENTE

A pesquisa se caracterizou como uma investigação de cunho qualitativo, que segundo Denzin e Lincoln (2005, apud Santos e Greca, 2013, p. 17) é uma atividade situada que localiza o observador no mundo; consiste em um conjunto de práticas interpretativas e naturalistas que tornam o mundo visível a partir de uma série de representações, transformando-o.

A pesquisa se deu em seis estabelecimentos escolares de Ensino Básico da Rede Pública do estado de Goiás, sendo eles localizados nas cidades de Carmo do Rio Verde, Ceres e Rialma todas estas localizadas no centro goiano, na região do Vale do São Patrício. Participaram da pesquisa 20 docentes do sexo feminino, com formação em quaisquer tipos de cursos de licenciaturas, que lecionam na segunda fase do Ensino Fundamental II (6º ano à 9º ano) e do Ensino Médio. Ao todo foram realizadas duas formas de coletas de dados para a pesquisa, sendo uma por meio de um questionário e o outro por entrevistas, sendo estas em formato semiestruturadas. Todas as docentes receberam e assinaram o Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento (TCLE), é a fonte de esclarecimento que permitirá ao participante da pesquisa tomar sua decisão de forma justa e sem constrangimentos. É a proteção legal e moral do pesquisador, posto que é a manifestação clara de concordância com a participação na pesquisa.

A escolha pelo questionário se pelo fato de que o seu uso, não apenas testa a habilidade do respondente, mas mede a sua opinião, seus interesses aspectos de personalidade e de informação biográfica (GUNTHER, 2003). Sendo assim, ele tem função de aferir com excelência uma determinada informação para a análise das respostas da amostra analisada. Ao

todo 16 docentes responderam ao questionário, as principais linhas de análise foram: idade das profissionais, tempo de docência, motivação pela escolha da profissão e a relação entre os acontecimentos que ocasionaram a feminização da docência (Apêndice I).

Foram realizadas quatro entrevistas com as docentes, para isso, foi usada a entrevista semiestruturada, que conforme May (2004), permite ao entrevistado responder perguntas dentro da sua própria estrutura de referências. Assim, o entrevistado tem liberdade nas suas respostas em relação ao tema abordado, e o entrevistador pode intervir se considerar que houve um desfoque dos assuntos abordados e também caso achar necessário, pode esclarecer ou retomar o tema..

Nenhuma das participantes desistiu ou solicitou interromper as entrevistas ou questionários, mesmo sabendo que podiam fazê-lo. Além disso, as identidades das participantes foram substituídas e seus direitos respeitados pelas normas éticas. Toda a coleta das informações se deu entres os meses de março e abril de 2019, sendo realizada em ambiente escolar, com a devida autorização do responsável legal pela instituição. As entrevistas foram gravadas em formato de áudio, com a autorização do entrevistado e, posteriormente, transcritas.

Os dados encontrados foram analisados levando em consideração seu conteúdo, baseando-nos assim, na análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2011), é um conjunto de técnicas de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações. Segundo Chizzotti (2006), o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

Estes dados foram analisados juntos aos dados e informações que foram colhidos através de uma pesquisa bibliográfica, em livros, teses e artigos publicados. Segundo Duarte (2004), este método é fundamental quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.

O DESVELAMENTO DOS DADOS

A investigação realizada nesta pesquisa, possibilitou conhecer mais profundamente como se deu a formação e a contextualização da educação, em relação ao processo histórico de feminização na educação. Este trabalho também explora os possíveis motivos que levaram ao cenário atual dos docentes da educação básica. Além de, buscarmos desvelar como as

profissionais contemporâneas avaliam, relacionam e compreendem esse processo histórico e suas consequências para a educação em geral.

PERFIL DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dados do Recenseamento Demográfico de 1980, revelaram que 86,6% do professorado brasileiro era do sexo feminino, sendo que no ensino pré-primário e o ensino de 1º grau tínhamos uma representação 99% e 96,2% de representatividade (BRUSCHINI e AMADO, 2013). Em 1997, quando foi realizado o primeiro Censo de professor, cerca de 14,1% da categoria é constituída de homens e 85,7% de mulheres.

Esta realidade continua até os dias de atuais, pois segundo o Censo Escolar 2018 (INEP, 2019) existem 2.226.423 docentes atuando na educação básica, sendo que cerca 79,9% (1.780.000) deste total é composto por profissionais do sexo feminino e 446.423 (20,1%) são do sexo masculinos. Podemos observar que este fenômeno acontece desde a vários anos, perpetuando assim a maioria de docentes femininas atuando na educação básica, outro fator importante é que este cenário é observado em todas as regiões do país.

Se analisarmos a relação de quantitativos de docentes da educação básica brasileira em todas as regiões do país divididas pelo sexo, temos que: na região **Nordeste** dos 624.787 de professores 485.697 (77,7%) são mulheres e 139.090 (22,3%) são homens; na região **Norte** temos que 196.831 de professores 138.147 (70,2%) são mulheres e 58.684 (29,8%) são homens; na região **Sudeste** dos 903.549 de professores 740.746 (82%) são mulheres e 162.803 (18%) são homens; na região **Sul** de 335.994 de professores 284.495 (84,7%) são mulheres e 51.499 (15,3%) são homens; e pôr fim a região **Centro-Oeste**, a qual estamos inseridos aonde dos 166.146 dos professores 131.369 (79,1%) são mulheres e 34.777 (20,9%) são homens. Ao observamos os dados de cada região, verificamos que apesar de cada um possuir quantitativos de docentes diferentes, o percentual entre os docentes de sexo feminino é sempre superior se comparada com o sexo masculino.

Estes índices evidenciam uma real existência de um processo de feminização da educação brasileira, chegando ao ponto de ser uma profissão expressivamente de mulheres. Isso é, segundo Bruschini e Amado (2013), isso se justifica, pois, à docência, enquanto carreira feminina, incorpora elementos da ideologia sobre a domesticidade e a submissão da mulher.

O número de docentes nos diversos níveis da Educação Básica, é possível notar que inversa à tendência decrescente da presença de mulheres nas distintas etapas do ensino é a valorização do profissional dessas etapas (Tabela 01). Isso se evidencia pelo fato que os

professores da educação infantil são menos valorizados, detendo baixa formação, salários precários e pouco reconhecimento, os professores do ensino profissional tem salários mais elevados (OLIVEIRA, 2015).

Tabela 01 – Número de docentes por sexo, região geográfica e dos níveis de ensino da Educação Básica. (Fonte: Censo escolar 2018- INEP, 2019).

Etapas de Ensino	Sexo	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
Educação Infantil - Creche	Feminino	10.754	55.231	151.754	58.637	16.431	292.801
	Masculino	333	1.1162	3.799	1.410	631	7.335
Educação Infantil – Pré Escola	Feminino	23.599	86.331	127.901	52.141	22.187	312.149
	Masculino	1.916	2.982	7.075	3.230	1.689	16.891
Ensino Fundamental - Anos Iniciais	Feminino	69.398	186.887	278.055	103.084	54.258	677.086
	Masculino	14.543	25.231	29.256	9.7794	6.984	85.798
Ensino Fundamental - Anos Finais	Feminino	47.341	149.585	201.276	83.629	39.584	521.294
	Masculino	32.711	77.456	87.874	26.579	18.027	242.537
Ensino Médio	Feminino	19.966	68.264	137.622	53.237	24.212	303.212
	Masculino	18.845	58.669	89.502	26.438	16.961	210.191
Educação Profissional	Feminino	4.158	15.684	24.409	16.585	4.028	64.851
	Masculino	5.091	17.009	26.302	11.958	4.204	64.545

O Censo Escolar de 2018 (INEP, 2019), trouxe também os dados sobre a faixa etária em que as docentes da Educação Básica no país, a maioria se encontram entre as faixas dos 30 anos aos 49 anos, totalizando 1.176.813 de profissionais com 66,1% do total de professores. Esta predominância percentual também ocorreu nesta mesma faixa etária entre os docentes das cidades que fizeram parte da pesquisa (Carmo do Rio Verde, Ceres, Rialma) e no Estado de Goiás com respectivamente com 79,4%; 65,9%; 66,6% e 69,4%. Já entre as docentes com até 29 anos, representam apenas 13, 23% de docentes femininas do Brasil.

ANALISANDO OS QUESTIONÁRIOS

As dezesseis professoras que participaram desta pesquisa respondendo aos questionários, foram nomeadas de forma aleatória nomeadas com letras e números, por exemplo: “Pa1, ..., Pa16”, para identificação na análise das respostas. Foi usado um modelo de questionário semiestruturado, que traz um formato bem mais flexível, tanto com questões de alternativas pré determinadas, como com questões onde pode-se escrever suas próprias opiniões.

Das professoras três (3) tem entre 20 a 25 anos, duas (2) entre 26 a 30 anos, uma (1) entre 36 a 40 anos, quatro (4) entre 41 e 45 anos, três (3) entre 46 e 50 anos e três (3) com mais de 50 anos. Não houve participantes entre a idade de 31 a 35 anos (uma das idades propostas no questionário).

A maioria destas profissionais são formadas na área de Pedagogia representando um total de 37,5%, seguidas pelas licenciadas em Matemática com 25%, Biologia com 18,75%, Letras com 12,5% e Geografia com 6,25%. Do total das docentes, cinco (5) declaram possuir pós-graduação em diferentes áreas, como: Gestão e Políticas Públicas, Gestão Escolar, Planejamento e Supervisão Educacional, Psicopedagogia e Formação Socioeconômica do Brasil.

Em relação ao tempo de atuação na docência cinco (5) estão na profissão no máximo há três anos, duas (2) tem até 8 anos, três (3) até 14 anos, outras três (3) têm até 20 anos de profissão e outras três (3) possuem mais de 20 anos atuando como professoras.

Indagadas sobre quais os motivos que as levaram a escolher um curso superior ligado à docência, a opção pela vocação foi a mais frequente com 30% das escolhas nos questionários, seguidas pela identificação profissional com 23,3%, a acessibilidade ao curso com 20%, a realização profissional com 10%, a influência da família 6,7%, a questão financeira 6,7% e apenas 3,3% elegeram a falta de opção. Com estes dados obtidos podemos inferir que vocação de uma pessoa séria socialmente determinada implicando numa combinação única de sua história genética, pessoal, familiar e cultural (SANTOS e MACHADO, 2010). O estudo de Alves-Mazzotti (2007), também sinalizou a vocação como sendo um elemento bastante presente na representação social do ser professor.

As principais influências que fizeram com que as professoras escolhessem a profissão docente se deram de formas diferentes, sendo estas marcantes e que contribuíram para a construção da profissional em que se tornaram. Em alguns casos, as docentes tiveram experiências durante sua vida com professores que as inspiraram e proporcionaram a escolha

pela profissão docente como uma escolha profissional. Conforme Catani et al (2000), afirma que o gosto pela educação é crucial para o desenvolvimento das relações positivas ou negativas que posteriormente passam a estabelecer com o conhecimento e com outros valores relacionados à atividade docente. É o que pudemos verificar nas falas abaixo:

“Professores me incentivaram a fazer os cursos disponíveis na região” (Professora Pa1).

“Inspiração em grandes professores que tive, foi uma realização pessoal” (Professora Pa14).

“Tive professores que me inspiraram muito para seguir esta profissão” (Professora Pa16).

“Um das maiores influências foram alguns professores que tive no ensino fundamental” (Professora Pa3).

Para outros, já havia uma vontade de seguir a carreira que vem desde a infância, não houve influência direta para a escolha profissional e sim indiretamente de modo inconsciente. Segundo Santos et al (2009), a subjetividade de cada indivíduo o diferencia como ser humano único, por suas vivências pessoais, suas relações interpessoais e intrapessoais, seu meio cultural e pelos seus processos de ensino e de aprendizagem durante toda a vida. Observamos esta escolha através das falas:

“Escolha Própria” (Professora Pa2).

“Desde criança sempre sonhava em ser professora” (Professora Pa7).

“Identificação com a profissão” (Professora Pa4).

“Ter uma grande vocação para o magistério” (Professora Pa15).

“A docência sempre foi uma área de atuação que eu sempre admirei, destacando sua importância social” (Professora Pa6).

“Me identifiquei pela profissão, amo ser professora. É uma profissão que me satisfaz” (Professora Pa8).

“É gratificante saber que você é capaz de transmitir conhecimento ao aluno” (Professora Pa5).

A influência do círculo familiar em que estão inseridos foi responsável pela escolha da profissão. Percebemos que essa identificação se dá por meio das relações afetivas entre os entes envolvidos. Isso é citado por Santos e Antunes (2008), que esclarecem que é através das primeiras relações familiares, temos as construções dos próprios ideários e dos conceitos que internalizamos da cultura, sendo estas o início da real percepção acerca de si mesmo. Sendo observada nos dizeres das professoras:

“Necessidade de trabalhar e influência da família e porque eu gosto de dar aulas” (Professora Pa13).

“Na época era a única graduação que pude ter acesso” (Professora Pa12).

“Desde cedo me identifico na área e venho de uma família composta por vários profissionais da área” (Professora Pa9).

A primazia pela escolha docente se deu na prática da profissão, isto é, somente após o primeiro contato, é que houve um encantamento. Algumas professoras que optaram pela docência por motivos extrínsecos à mesma, depois passaram a gostar da profissão (RABELO e MARTINS, 2010). Fatos que se explicam nas falas:

“O estágio da Capes PIBID, pois gostava muito da área de Biologia, com o PIBID passei a gostar da docência” (Professora Pa10).

“No início era somente uma simples escolha de prestar um concurso, mas hoje é um sonho realizado” (Professora Pa11).

Das respostas recebidas, foi possível verificar que por unanimidade das entrevistadas, acreditam que a profissão docente não representa uma profissão somente para mulheres. Mas que para ambos os sexos, não existe restrição de atuação e que independe se são homens ou mulheres. Sendo assim, é perceptível que as concepções sobre o exercício da profissão, professores e professoras remetem às próprias experiências, apontando tensões entre os significados masculinos e femininos tradicionais e tentativas de transformação desses valores (VIANNA, 2002).

Apesar das professoras não considerarem a profissão docente, como sendo uma profissão feminina, das dezesseis professoras, apenas cinco delas não acreditam que existam marcas de feminilidade na profissão. A professora Pa4 disse que “*o professor tem o objetivo de formar cidadãos críticos*”, sendo assim seria indiferente seu sexo, mas sim se fossem bons profissionais. Já a professora Pa8 expôs que a profissão docente “*depende de cada profissional se dedicar e que existem homens competentes pertencentes a esta categoria*”. Para Rabelo (2010), o “gosto pela profissão” em muitos dos casos está ligado a uma aptidão por estudar, transmitir e partilhar conhecimentos, além disso o gosto por ensinar e pela profissão é inerente à profissão.

Entre as que acreditam que a profissão docente possui marcas de feminização, muitas acreditam que isso se deve pela natureza feminina inata. Como descrito pela professora Pa16 “*existem muitas características que são únicas das mulheres que estão impregnadas na profissão, como o ato de cuidar*”. Há outro ponto levantado, que foi descrito pela professora Pa5, aonde citou que “*as mulheres têm mais paciência para lidar com alunos indisciplinados*”. E o que também revelou a professora Pa3, que “*a mulher tem maior facilidade de se relacionar com os alunos*”. Além do mais, a professora Pa9 disse que estas marcas “*existem devido à nossa longa cultura do patriarcado provedor e da mulher*”. Estes argumentos também são colocados por Souza (2002):

O “cuidado” na escola é apropriado como uma concepção universal da “intuição” e da vivência “femininas” que transcendem as supostas racionalidade e dedução “masculinas”. [...] Ela, por sua vez, sugere a necessidade da “presença materna” e do cuidado no processo da socialização primária como uma exigência do modelo burguês ocidental de família. As práticas de “cuidado” seriam parte, portanto, das transformações articuladas à modernidade (p. 383).

Em relação à indagação, se acreditam que por haver maioria feminina na educação básica possa existir algum tipo de valorização e desvalorização da profissão docente, doze das professoras disseram não acreditar na relação entre a maioria na desvalorização da educação brasileira e a maioria feminina.

ANALISANDO DAS ENTREVISTAS

Para analisarmos os dados das entrevistas fora utilizado o método de análise de conteúdo apresentado por Bardin (2011), o qual prevê as seguintes fases fundamentais: pré-análise é a fase de organização tem por objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento da pesquisa; exploração do material é a operação de analisar o texto sistematicamente em função das categorias formadas anteriormente e a tratamento dos resultados a inferência e a interpretação, onde os resultados brutos, ou seja, as categorias que serão utilizadas como unidades de análise são submetidas a operações estatísticas simples ou complexas dependendo do caso, de maneira que permitam ressaltar as informações obtidas, levando as possibilidades teóricas (BARDIN, 2009).

As quatro docentes que entrevistadas foram identificadas com pelas letras Pb e classificadas por sequência numérica de forma aleatória. Dos depoimentos colhidos emergiram três grandes categorias que nos ajudaram a desvelar o fenômeno investigado, sendo elas: “A decisão por ser docente”, “A relação entre a profissão docente e o processo de feminização” e “Motivos para a maioria de docentes mulheres e a Desvalorização da Educação”.

Essas categorias foram estruturadas através das análises dos itens do roteiro da entrevista semiestruturada, que continham os seguintes tópicos:

-Como se deu sua formação inicial e porque decidiu-se torna-se professora?;

-Você considera que o fato de você ter optado pela profissão docente tem relação direta com o fato de você ser mulher? Por que?;

-Na escola que você leciona há uma maioria feminina? Como você avalia essa questão?;

-Para você há uma relação entre o processo de desvalorização da Educação Pública com o processo de feminização da Educação brasileira? Por que?

A decisão em ser professora: o gosto pelo ensinar

Desvelar a figura do professor vai além das instâncias institucionais. É preciso uma retomada da função social e educacional do mesmo. Pelos relatos das professoras ficou evidente

que a escolha pela profissão docente se deu por diferentes motivações. Há primeira categoria analisada se remete a estas motivações para a prática docente, sendo elucidadas pelas falas que se seguem.

No caso da professora Pb1, fica evidente que há uma vontade, um sonho em seguir a profissão, praticamente inatas e que se iniciou desde muito cedo. É perceptível que convicção pela docência veio desde a infância, sempre houve um desejo pela profissão. É o que os autores Bruschini e Amado (2013) chamam de vocação, a escolha da carreira se sustenta, na ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações.

“Sempre quis muito ser professora, fiz primeiramente um curso técnico em magistério porque tinha um sonho mesmo em ser professora. Ingressei no mercado de trabalho após realizar concurso para trabalhar como professora no Estado, anos depois tive a oportunidade de me “especializar” e consegui concluir o curso em Ciências Biológicas para vencer o desejo de me tornar professora. Sempre gostei muito de ensinar. Sempre quis fazer parte deste grupo (docência), desde antes de fazer o magistério já gostava de ensinar. Minha mãe sempre me dizia que seria uma profissão difícil e que se me decidisse em me tornar professora deveria saber dos pontos positivos e negativos” (Professora Pb1).

A professora Pb1, para conseguir seguir na carreira docente teve que se profissionalizar, buscar um aperfeiçoamento na carreira, uma vez que, deveria se qualificar. Observamos isso nos dizeres de Nóvoa (1992), onde a profissionalização se dá por um processo através do qual os trabalhadores melhoram o seu estatuto, elevam os seus rendimentos e aumentam o seu poder e a sua autonomia. Outro ponto relevante na fala da professora se deu pela desconfiança com que os familiares tiveram por sua escolha profissional, isso se deve por acreditarem nas barreiras enfrentadas pela profissão.

Para a professora Pb2, a preferência pela profissão da docência se deu inicialmente por falta de outra opção, na região a qual morava não possuía outras oportunidades. No entanto, na fala da professora ela ressalta que apesar da escolha da docência ter ocorrido desta forma, ela se sentia que se identificava e gostava da profissão. Conforme é verificado e dito por ela:

“Primeiramente eu fiz magistério e logo que terminei o magistério teve o concurso do Estado para professor e resolvi fazer e consegui ingressar e comecei minha carreira como professora. Escolhi a profissão pois, aqui na minha cidade naquela época não havia muita oportunidade de emprego. No meu caso foi uma junção pois não havia tantas oportunidades, mas eu também sempre gostei da sala de aula, gostava e gosto de ensinar. [...]. E como era a oportunidade que eu tinha no momento agarrei. Então depois de uns cinco a seis anos que começar a dar aulas fiz o curso de História e posteriormente fiz também o curso de Pedagogia, curso que me deram bastante bagagem para ser a professora que sou hoje” (Professora Pb2).

Na última parte da fala da professora Pb2, é notória que a busca pela qualificação na profissão docente, foi de grande importância para sua carreira e a fez perceber que necessitava de um aperfeiçoamento, a sua vivência com outros profissionais também a proporcionou se tornar na profissional que é hoje. O que também é endossado na fala de Santos et al (2008):

A aprendizagem própria, concreta, assumida pessoalmente, seja em uma relação dentro do ambiente educativo, ou não, contribui na configuração de saberes da experiência, emanados pela temporalidade. Por isso, os saberes constituídos nas vivências interpessoais e nas práticas educativas são fundamentais nas ações dos docentes, ao enfrentar em situações problemas que porventura surjam. É o conjunto de saberes únicos de cada professor que fundamentará o seu ato de ensinar, revelando o ser humano que é (p.47).

No caso da professora Pb3, apesar de todas as dificuldades que enfrentou para estudar durante sua infância com a deficiência física, ela recorda-se de sua primeira professora, fato esse observado que ela se recorda do nome de sua primeira professora “Irene”, sendo assim uma ela foi uma personagem marcante em sua vida. Provavelmente, foi por causa da forma com que esta professora a ensinava com amor e dedicação que a fez depois escolher pela profissão, isto é, o estímulo se deu por experiências positivas que a inspiraram a seguir a carreira. A influência do professor parece ser relevante quando ultrapassa a sala de aula e se transforma em paixão por uma área do conhecimento ou por um modo de intervir diretamente na sociedade (TARTUCE e NUNES, 2010).

“Bom iniciei meus estudos um pouco tardio aos 7 anos, tive paralisia infantil e por dificuldade de minha mãe em poder me levar. Lembro-me da minha primeira professora que se chamava Irene e admirava o trabalho dela e cresci com essa vontade de me tornar professora, via nela uma inspiração a ser seguida, mesmo tendo dificuldade de locomoção era algo que tinha grande desejo que pudesse ser realizado. Fiz o magistério até os estudos adicionais, era o que eles chamavam de quarto magistério. Como eu e nem minha família não tinha condições de pagar uma faculdade, fiz o curso de técnico em contabilidade. Foi após receber a oportunidade de receber uma bolsa de estudo que ingressei no curso de Pedagogia e assim pude realizar o meu sonho. Enquanto ainda estava na faculdade comecei a trabalhar como telefonista, fiquei neste trabalho durante oito anos, depois fiz concurso para trabalhar na educação e hoje vejo que realizei um sonho de ter me tornado professora e que mesmo as minhas restrições físicas não me barraram em ajudar aqueles que querem aprender. Em relação a minha profissão me sinto muito realizada” (Professora Pb3).

Outro ponto marcante na fala da professora Pb3 é que mesmo não tendo condições de pagar uma faculdade, continuou os seus estudos, através de um curso técnico e quando teve a oportunidade de prosseguir seus estudos, ela assim fez, caracterizando assim a força de vontade. Assim ela conseguiu através dos estudos a realização de seu sonho em se tornar professora, e mesmo com as restrições físicas atua na profissão, rompendo com preconceitos.

A professora Pb4 entrevistada, trouxe em sua fala inicialmente a incerteza pela opção na carreira, isso conforme a professora disse, remete à profissão docente com as diversas dificuldades enfrentadas por seus integrantes. Levando em consideração as expectativas com a remuneração digna, carga horária, condições de trabalho e a formação continuada.

“Bom inicialmente após terminar o ensino médio estava com muitas dúvidas em qual carreira seguir, é optei por fazer pedagogia, mas não tinha muita certeza do que gostaria de fazer. Depois que obtive a aprovação no vestibular e começar o curso não tinha muito a dimensão de o que esperar, tinha dúvidas sobre a profissão por sempre ouvir dizer que professor ganhava pouco, que o cotidiano seria complicado, que seria uma área não tão valorizada. Mas o que pesou para que continuasse no curso

foi a vontade que sempre tive em ensinar. O que me incentivou a foi o fato que até então na família ninguém havia conseguido se formar em um curso superior, isso fez com que pudesse, também tive muitas influências de bons professores desde a educação básica, na época do ensino médio uma professora me influenciou bastante, ela transmitia o conteúdo de forma tão clara e fazia com que cada aluno” (Professora Pb4).

Outro fator importante que aqui ressaltamos é que em sua família, não havia ninguém que teria conseguido prosseguir os estudos e se formar, sendo assim, para a professora este feito significou a realização de sonhos de toda a família. Fica evidente em sua fala que apesar dos pesares da profissão, essa escolha também se deu pela vontade de ensinar, que a professora Pb4 disse que sempre houve. É o que corrobora Mosquera e Stobäus (2008), no qual sugere que a busca pela autorrealização se transforma em uma possibilidade para o exercício da docência. Essa ascensão na profissão seria a realização de algo que seja importante para sua própria vida ou para os demais que estão ligados afetivamente.

As motivações aqui apresentadas pelas professoras entrevistadas, como a vocação, a influência da família, professores que os inspiraram a seguir a profissão, realização pessoal e por não ter outras oportunidades, também foram abordadas em trabalhos como de LAPO e BUENO (2002, 2003); GARCIA et al (2005) e KOZELSKI (2014).

Podemos interpretar, através desses depoimentos que o caminho percorrido por cada uma das docentes é subjetivo, e que se torna difícil generalizar ou apresentar dados conclusivos no que se refere à motivação docente. A ambiguidade referente a está subjetividade se intensifica, como, por exemplo, se analisarmos a vocação inata pelo trabalho docente, pois como explica Louro (2007), o número efetivo de vocações é muito menor do que aquele que uma análise mais profunda da problemática vem a revelar. Isso se deve ao fato, de o autor alegar que existam professores que inicialmente não possuem convicção pela profissão e que através de estímulos de fatores extrínsecos à pessoa, e que a levam, com o passar do tempo, a reconsiderar a sua posição na profissão.

A relação entre a profissão docente e o processo de feminização

A ligação da figura da mulher com a profissão docente é historicamente percebida em nossa sociedade e nos remete a imagem da feminilidade e da maternidade. Nessa segunda categoria, podemos perceber através das falas das professoras que as características da profissão docente se encontraram com o caminho percorrido ao que levou no processo de feminização da educação.

Fica evidente com a fala da professora Pb4, que sua escolha profissional teve como marca importante o fato de ser mulher, ela observa que as habilidades femininas ajudam no exercício da profissão. Estas habilidades são associadas à feminilidade e adquiridas socialmente

pelas mulheres são vistas como inatas, não sendo consideradas na classificação hierárquica do processo produtivo (SOUZA, 2002). Conforme podemos verificar em sua fala:

“Bom para mim, existe sim uma relação bastante grande ente a minha escolha pela docência e o fato de ser mulher, não é que este fato explique por si só esta escolha, mas no dia a dia no ambiente escolar, vejo que as mulheres possuem traços da natureza feminina que são importantes para a docência” (Professora Pb4).

Este pensamento também é endossado pela professora Pb3, que ao ser questionada se a escolha pela docência teve influência direta com o fato de ser mulher, ela afirmou positivamente a pergunta e atribuiu ao que chamou de “instinto maternal” como determinante para a escolha. A atividade docente usa de características da natureza feminina, pois a profissão requer sentimento, dedicação, minúcia e paciência (LOURO, 2007).

“Sim, a mulher possui uma forma diferenciada de lidar com os alunos no ambiente escolar, porque ela possui um instinto maternal, eu entendo que este fato não pesou muita minha escolha de me tornar professora” (Professora Pb3).

Diferentemente do que foi dito anteriormente, a professora Pb1 acredita que os homens são tão competentes quanto as mulheres, no que se refere à docência. Sendo assim, apesar de existir maioria feminina na instituição em que ela trabalha, a eficiência no trabalho não está ligada ao fato de ser mulher ou homens, mas no perfil vocacional de cada um. Descaracterizamos assim, um preconceito com a qualidade de trabalho entre os sexos, isso, foi o que argumentou Gilligan (1982), que é necessário buscar a diversidade caracterizadora da identidade docente, considerando o cotidiano escolar de professores e professoras não como determinismos locais fragmentados e sim como um importante aspecto da organização social.

“Sim, na escola onde trabalho a maioria é feminina. Nunca havia parado para pensar sobre essa relação. Nós aqui na escola temos profissionais homens que se dão muito bem na sala de aula, então não acredito que tenha uma relação direta, pode ser até mesmo em relação de perfil de cada um. Claro que os homens são mais impacientes e normalmente eles querem resultados mais eminentes de imediato” (Professora Pb1).

Com a análise esta categoria, percebeu-se que as características atribuídas as mulheres sempre estiveram encarregadas com suas atividades de educar e cuidar dos filhos. Segundo Carvalho (1999), com a entrada da mulher no mundo de trabalho associou-se a ela essa função, visto que já a exercia no lar. Partindo disso, o trabalho docente passou a ser exercido, com o estereótipo de “missão feminina como profissão, em que se constata flagrantemente a maioria de mulheres nesta função” (ZIBETTI, 2007).

Após os apontamentos feitos pelas professoras verificamos que a associação da atividade de docente, baseia-se em explicações que relacionam a mulher há suas características biológicas com a conseqüente função materna, que estaria ligada à feminilidade, à tarefa de educar e de socializar os indivíduos durante a infância (VENTURINI e THOMASI, 2013).

Motivos para a maioria de docentes mulheres e a desvalorização da educação pública

Na última categoria, veremos quais as implicações para a educação básica com a maciça presença de professoras e se a atual desvalorização da educação foi desencadeada por este fenômeno.

A professora Pb1 elencou uma questão, que considera mais provável para o afastamento dos homens da profissão docente, ela percebeu que apesar de inicialmente muitos homens cursarem o magistério, poucos ali se formaram. Isso deve-se a uma expectativa na questão salarial aliada conjuntamente com o crescimento urbano e econômico (VIANNA, 2002). Os homens não poderiam gastar muito tempo em uma formação que não lhes parecia tão promissora, onde não teriam um retorno financeiro certo.

“Quando eu fiz o magistério, na minha sala tinha bastante rapazes no grupo, também tinha o desejo de se tornarem professores, mas eles acabaram optando por outros caminhos, talvez pelos salários ou pelo fato de que para se tornar professor deveriam continuar os estudos e os homens da época precisavam de um trabalho com retorno financeiro rápido, outro fator penso que possa ser uma questão de perfil de professor que muitos não possuíam” (Professora Pb1).

Demartini e Antunes (1993), também alegam este pensamento, onde as circunstâncias que determinaram o processo de feminização da educação foram marcadas por atitudes preconceituosas como diferenças salariais, curriculares. Esse processo teve seu início a muito tempo, tendo assim marcado profundamente e carregando durante toda a construção da educação brasileira, com uma diferenciação da educação por gênero.

Há semelhanças nas falas das professoras, tanto que a professora Pb41 e Pb4 tem a mesma visão que os homens não têm a docência como primeira opção de carreira, elas creditam que o atual sistema educacional brasileiro como responsável pelo perfil docente. Outro ponto importante na fala da professora, ela acredita que os homens não possuem as mesmas habilidades úteis para a profissão docente que as mulheres possuíam estas ditas “naturais”, como: cuidado, disciplina, paciência, afeto, ordem.

“Pode ser os homens acabaram por optar por outros campos. O desenvolvimento deles, a carreira, a valorização salarial, eles conseguem com mais facilidade e a opção em que eles deixaram a docência pode ser que se deu pela mudança de sistema, das regras, até mesmo da autonomia do professor em determinadas regras e leis. E a mulher teve nesse campo a oportunidade de se inserir na sua profissão, poder ter aí seu sustento” (Professora Pb1).

“Sim, há uma maioria feminina. Penso que esse fato se dá pela atual conjuntura da educação, talvez as dificuldades encontradas para a atuação do professor não sejam atrativas para os homens e preferem outros empregos. [...] vejo que ela as professoras conseguem identificar nos alunos um cuidado e uma relação próxima, que talvez um homem não conseguiria enxergar” (Professora Pb4).

Isso foi percebido por Chamon (2005), que analisou a falta de interesse dos homens pela profissão docente, sendo este um efeito causado pela falta de reconhecimento que a profissão possui e aos salários, que seriam incompatíveis com demanda grande de cobranças e além disso

pela necessidade de sustentar suas famílias por serem responsáveis por maior parte da renda familiar.

À medida que as mulheres começaram a se inserir na sociedade, buscando uma profissionalização para se adequar ao mercado de trabalho, também houve um processo de inovação da educação, que foi se expandindo a diversos públicos e regiões do país. Deste modo, a profissão docente foi se constituindo cada vez mais de profissionais do sexo feminino, mas a remuneração destas profissionais não acompanhou este crescimento, isso se explica no afastamento das lutas reivindicatórias e a sua despreparação como força de trabalho, a presença das mulheres puxou para baixo a remuneração do trabalho docente (ALMEIDA, 1996).

Esta mesma explicação também foi percebida por Lapo e Bueno (2003), que alegaram que além dos baixos salários, as precárias situações, a insatisfação no trabalho e o desprestígio profissional estavam entre os fatores que mais contribuíram para que os professores deixassem a profissão docente. A consideração de trabalho escolar como cuidado de crianças, a falta de afinidade com a profissão, a defasagem salarial perante outras profissões de maior status, a dificuldade de ingresso na carreira, as difíceis condições de trabalho e a possibilidade de ingressar em outras profissões, são algumas explicações possíveis para o afastamento dos homens (FARIA, 2016).

Já a professora Pb3 disse que a desvalorização da educação está ligada a dois importantes fatores, sendo eles: o valor com que a sociedade atribui ao trabalho docente e a falta de investimentos. Sendo assim, se não houvesse estes problemas a profissão se tornaria mais atrativa.

“Acredito que sim a educação passa por uma fase onde está sendo desvalorizada, se houvesse maior investimento nesta área poderia sim haver outros perfis de profissionais ingressando na profissão. Também acho que essa desvalorização não é somente em relação aos investimentos, mas também pela forma com que a sociedade encara a escola, hoje em dia a escola tem enfrentados muitas barreiras, há muitos problemas de âmbito social envolvido com essa desvalorização” (Professora Pb3).

Visto todos os argumentos aqui analisados para explicar o processo de feminização que a educação tem passado, fica evidente que à docência é muitas vezes lembrada como uma atividade desvalorizada, isso se deve pelo fato que a sociedade não a valoriza como antes, muitos acreditam que isso se justifique pela falta de investimentos, já outros acreditam que a profissão é desvalorizada pelo fato de serem exercidas pelas mulheres, que possuem condições naturais para cuidarem, isso contribui para a constituição de uma identidade profissional desfavorável à profissionalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, as mulheres tiveram sua inserção na profissão docente (processos educativos), com o intuito de reforçar os aprendizados necessários às atribuições domésticas, limitando o seu conhecimento em outras áreas. Posteriormente, houve a sua incorporação como estudante no Ensino Superior levando assim a sua entrada no mercado de trabalho. Mas a mulher naquela época, final do século XIX, era impossibilitada pela sociedade de assumir outras profissões que não fossem ligadas as duas características femininas. Estes fatos ocasionaram em uma concentração em áreas voltadas ao cuidado, como é o caso da docência.

No Brasil, os dados atuais revelaram que as mulheres constituem a grande maioria dos docentes que constituem a educação básica. A inserção das mulheres nas instituições escolares como professoras, representa um marco das mudanças histórias ocorridas na sociedade, já que antes este era um campo praticamente reservado para os homens. O trabalho docente significou o trânsito do invisível para a visibilidade e a realização de algo que não fosse o único e prestigiado trabalho doméstico, como reduto privilegiado da feminilidade.

Os dados da pesquisa apontam que há diferentes e complexas motivações que levaram e levam as professoras em escolher a profissão docente. Mostrando ser necessário compreender como a motivação humana é entendida pelos docentes, na possibilidade de seu desenvolvimento a partir de aprendizagens eficientes e eficazes desde o início da educação formal. Muitas destas motivações têm origem e se influenciam por aspectos intrapessoais e interpessoais, sendo muitas delas de forma subjetivas que se baseado na sua interpretação individual, mas pode não ser válido para todos. A vocação foi a motivação mais citada como forma de escolha do curso, mas muitas das professoras citaram o fato de não ter tido outras oportunidades para esta escolha.

A partir do século XX, com a expansão do direito a educação para todos, proporcionou a abertura de um campo de trabalho para as mulheres, contudo as autoridades estatais para financiar esta expansão reduziram salários, o que ocasionou com que os homens que precisavam sustentar suas famílias, não optassem por esta profissão. Outro ponto destacado na pesquisa, que contribuiu para o atual cenário de feminização da educação, é o processo de desvalorização da profissão, sendo este constituído em um processo contínuo que tirou a autonomia, passando a não ser uma profissão tão valorizada socialmente como era vista anteriormente.

Cabe salientar, que os dados obtidos na pesquisa não representam o perfil geral da população docente da educação básica do país, no entanto, estes dados representam um recorte da realidade docente do interior do estado de Goiás. Após análise com pesquisas com temáticas semelhantes foi percebido que os resultados obtidos se assemelham em muitos pontos.

Para a coleta de dados não houve resistência pelos responsáveis pela administração das escolas, mas em alguns casos as professoras alegaram não ter tempo para a participação. Há muitos trabalhos semelhantes, mas estes investigam um perfil diferentes de professoras, que atuam na Educação Infantil. O trabalho tornou-se relevante, pois, representa um grupo de estudo que atuam em outros níveis de ensino, como os analisados neste trabalho.

Com as falas das docentes foi possível observar que a feminização da docente é algo que elas não haviam observado e nem mesmo pensado, mesmo sendo algo que está impregnado na profissão de modo inconsciente. Por fim, fica evidente que todo o processo histórico educacional que ocasionou a feminização da docência, foi importante para a inserção da mulher em um campo de trabalho, mas que para a atuação no trabalho docente implica antes de tudo em uma profissão, que exige profissionais qualificados e comprometidos de seu papel social no auxílio à formação de cidadãos, independente de é feito por mulheres ou homens.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. Mulheres no cotidiano: educação e regras de civilidade (1920/1950). **Dimensões**, vol. 33, p. 336-359, 2014.
- ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1998.
- ALMEIDA, J. S. de. Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev.1996.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas. **Pesquisa em Síntese. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 579-594, out/dez, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRUSCHINI, M. C. A.; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**, n. 64, p. 4-13, 2013.
- CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. **Cadernos Afetividade e Sexualidade na Educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, p. 142-150, 1998.
- CARVALHO, M. P. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.
- CATANI, D. B.; BUENO, B. O.; SOUZA, C. P. **A vida e o ofício dos professores**. São Paulo: Escrituras, 2000.
- CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

- CHAMON, M. **Trajetória de Feminização do Magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: autêntica/FCH-FUMEC, 2005.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- DEDECCA, C. S. **Tempo, trabalho e gênero**. São Paulo, 2004.
- DEMARTINI, Z. B. F.; ANTUNES, F. F. **Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina**. Cadernos de Pesquisa, n. 86, p. 5-14, 1993.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar: Editora UFPR**. n. 24, p. 213-225, 2004.
- FARIA, T. C. L. Magistério no Brasil: profissão feminina e masculina. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, a. 10, v.10, n.19, p. 40-51, jul/dez. 2016.
- FREITAS, M. T. A. **Memória de Professoras: História e Histórias**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.
- GARCIA, M. M. A; HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan/abr 2005
- GILLIGAN, C. **Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.
- GUNTHER, H. Como elaborar um questionário (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, Nº 01). **UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental**, Brasília, 2003. URL: www.psiambiental.net/pdf/01Questionario.pdf
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2018. Brasília: MEC, 2019.
- KOZELSKI, A. C. Professor: uma carreira em extinção ou falta de motivação? **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 9, n.17, p.178-188, jan/ jun. 2014.
- LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, mar. 2003.
- LAPO, F. R.; BUENO, B. O. O abandono do Magistério: vínculos e rupturas com o trabalho docente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 243-276. 2002.
- LIMA, A. M. **Feminização do trabalho docente**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, SC. 27 a 31 de julho de 2015.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 14ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- LOURO, G. I. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORE, M. D. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, p. 443-481, 2007.
- LOURO, G. L. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In: CATANNI, D. **Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.
- MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MELNIKOFF, R. A. A; MELNIKOFF, E. A. A. Professora, professorinha primeira profissão que legitima a mulher no século XIX. In: **IV CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA & IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE: o cinquentenário do golpe de 64**. Aracaju, 21 a 24 de outubro de 2014.

- MOSQUERA, J. J.; STOBÄUS, C. D. Educação para a saúde. Porto Alegre: DC Luzzatto, 1984. In: SANTOS, B. S.; ANTUNES, D. D.; BERNARDI, J. O docente e suas subjetividades nos processos motivacionais. **Educação, Edipucrs**, Porto Alegre, Educação, a. 31, v. 31, p. 46-53, 2008.
- NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Dom Quixote: 1992.
- OLIVEIRA, P. R. Os processos de feminização e de feminilização do magistério do Brasil. In: Congresso de pesquisa e extensão e da semana de ciências sociais da UEMG/Barbacena. **Anais do Congresso de Pesquisa e Extensão e da Semana de Ciências Sociais da UEMG/Barbacena**, v.2, 2015.
- OLIVEIRA, T.; VIANA, A. P. S.; BOVETO, L.; SARACHE, M. V. Escola, conhecimento e formação de pessoas: considerações históricas. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 06, n. 02, p. 145-160, 2013.
- PRIORI, M. D. **História das Mulheres no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- RABELO, A. O. “Eu gosto de ser professor e gosto de crianças” - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. **Revista Lusófona de Educação**, n. 15, 163-173, 2010.
- RABELO, Amanda Oliveira. A mulher e docência: historicizando a feminização do magistério. **Revista do Mestrado de História**, Vassouras, v. 9, n. 9, p. 41-53, 2007.
- RABELO, A. O. **A memória das normalistas do IESK de Campo Grande/RJ**. 124f. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Memória Social e Documento, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2004.
- SAFIOTTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SANTOS, B. S. D.; RODENBUSCH, C. d. B.; ANTUNES, D. D. Aspectos motivacionais da profissão docente universitária. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.10, n. esp., p.294-312, out. 2009
- SANTOS, B. S. D.; ANTUNES, D. D.; BERNARDI, J. O docente e suas subjetividades nos processos motivacionais. **Educação, Edipucrs**, Porto Alegre, a.31, v. 31, p. 46-53, 2008.
- SANTOS, F. M. T.; GRECA, I. M. Metodologias de pesquisa no ensino de ciências na América Latina: como pesquisamos na década de 2000. **Ciência & Educação**, v. 19, n. 1, p. 15-33, 2013.
- SANTOS, P. I.; MACHADO, L. B. Entre a vocação e os desafios: as representações sociais do ser professor. **RPD – Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.10, n. 21, p. 127-148, jan/jun. 2010.
- SOUZA, E. R. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.17, n. 18, p. 379-387, 2002.
- TARTUCE, G. L. B. P.; NUNES, M. M. R. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 445-477, mai/ago. 2010.
- TELLES, A. M. V.; SILVA, J. C. História da Educação: Curso de pedagogia da Unioeste no contexto da feminilização do Magistério (1970-1990). **Seminário de Pesquisa do PPE: Universidade Estadual de Maringá**, 12 a 14 de junho de 2013.

VENTURINI, A. M.; THOMASI, K. B. A feminilização na educação infantil: uma questão de gênero. **Revista Científica Digital da FAETEC: EDU. TEC**, 8ª edição, a. 5, v. 1, n. 1, 2013.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.17, n.18 p.81-103, 2002.

WOLFF, C. S. Profissões, trabalhos: coisas de mulheres. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 503-506, mai/ago. 2010.

XAVIER, L. N. A Construção social e histórica da profissão docente. **Rev. Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 59, p. 827-849, out/dez. 2014.

ZIBETTI, M. L. T. O que pensam professoras de educação infantil sobre a feminização da profissão docente? In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd, **Anais Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, 2007.

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO

Prezada professora da Rede Pública Estadual de Ensino Fundamental II e Ensino Médio do Estado de Goiás, você tem em seu poder este instrumento de coleta de dados, proveniente da pesquisa que tem como objetivo: analisar quais os fatos históricos ocasionaram em uma maciça presença feminina na docência, trazendo um recorte para nossa região do Vale do São Patrício. Essa pesquisa é parte integrante do Artigo de conclusão do Curso de Especialização em Ciências da Natureza e Educação Matemática, cujo título é: “Os processos históricos que levaram à feminização da educação escolar brasileira”.

Agradeço sua disponibilidade e me coloco a sua inteira disposição para quaisquer esclarecimentos.

E-mail: lavine_jordane@hotmail.com

Telefone: (62) 99648-3731

1. Nome: _____

2. Idade: () 20 – 25 anos () 36 – 40 anos () + de 50 anos

() 26 – 30 anos () 41 – 45 anos

() 31 – 35 anos () 46 – 50 anos

3. Formação:

() Graduação.

Curso e Instituição? _____

() Pós-Graduação.

Curso e Instituição _____

4. Tempo de Atuação na docência?

() De 1 ano a três anos

() Entre 4 a 8 anos

() Entre 9 a 14 anos

() Entre 15 a 20 anos

() Acima de 20 anos

5. Quais foram as principais influências que a fizeram escolher a profissão docente?

() Vocação () Influência de amigos

() Acessibilidade ao curso () Identificação com a profissão

() Falta de opção () Questões financeiras

() Influência da família () Realização pessoal

() Outro motivo. Qual? _____

6. Você encontra alguma similaridade entre a relação à familiar e o papel feminino na docência? _____

7. Você considera que a profissão docente é uma profissão especificamente para mulheres? Por que?

8. Você considera que existem marcas de feminilidade na profissão docente?

() Sim () Não.

Justifique

9. Você acredita que exista algum tipo de valorização ou desvalorização da profissão docente, na esfera pública, pelo fato de ser exercida por uma maioria feminina? Por que?

10. Faça um breve relato sobre sua história de vida pessoal e acadêmica/profissional que a trouxe até os dias atuais, com ênfase na sua escolha profissional.
